*A COMPREENSÃO, A EXPLICAÇÃO E A COMUNICAÇÃO: UMA BREVE EXPLICAÇÃO SOBRE POR QUE NÃO GOSTAMOS TANTO DE EXPLICAÇÃO**

*Dimas A. Künsch***

*Renata Carraro****

RESUMO

Sem subtítulos e no estilo de uma conversa, em que assumimos conscientemente o propósito do ensaio de não se querer chegar nem de longe a conclusões finais sobre um assunto qualquer, o texto se ocupa com temas, questões e miradas teóricas e epistemológicas de interesse dos integrantes do grupo de pesquisa “Da Compreensão como Método”, instalado junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. Alguns dos princípios epistemológicos em pauta, como os da incerteza e da complementaridade dos opostos, comparecem no texto, ao lado das demais temáticas, como um convite para uma troca compreensiva de ideias, mais do que como afirmação de uma ou de várias verdades. Um pensamento em movimento, a compreensão levanta a pergunta sobre os impactos de todo conhecimento na vida social e política: a epistemologia do conhecimento não abdica da sua condição de epistemologia pragmática.

Palavras-chave: Comunicação. Teoria. Explicação. Compreensão. Método.

O livro de Juremir Machado (2010) tem por título *O que pesquisar quer dizer* e, por subtítulo, *Como pesquisar e escrever textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes*. Deveria ter se chamado *Manual de antimetodologia*, mas o autor mudou de ideia em algum momento das conversas com o editor. Ficou, no entanto, a referência, bem forte, a um outro livro de espírito semelhante,

* Texto apresentado originalmente ao Grupo de Pesquisa “Teorias da Comunicação” durante o XIX Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2019. Foram feitas alterações para esta publicação.

** Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). E-mail: dimas.kunsch@metodista.br.

*** Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). E-mail: recarraro69@gmail.com.

esse mais antigo e famoso, lançado em 1975 nos Estados Unidos, *Contra o método*, de Paul Feyerabend (2011).

Juremir Machado mudou o título original de seu livro porque temia que os leitores pudessem ser induzidos a pensar que o problema era atacar o método, pura e simplesmente. Como se pesquisa sem método pudesse em algum lugar do mundo existir. Não era, no entanto, um manual de antimetodologia, esclarece o autor.

Juremir Machado dá as cartas de sua identidade intelectual na abordagem do assunto, com a crítica contra o que ele chama de positivismo metodológico. Está propondo “um esboço de metodologia aberta para o campo da comunicação” (MACHADO, 2010, p. 13), apoiando-se em Heidegger, Morin, Derrida, Lyotard, Maffesoli, Baudrillard, Kuhn e Feyerabend, a quem Juremir Machado (2010, p. 5) traz em epígrafe. Feyerabend, no trecho citado por Juremir Machado, entende que “a ciência é um empreendimento essencialmente anárquico” e que “o único princípio que não inibe o progresso é: tudo vale”.

Mas como assim, tudo vale? Feyerabend mesmo sabe que, exprimindo a coisa desse modo, induz ao engano. Se tudo de verdade valesse no campo de nossos exercícios com o uso de métodos, deveria também valer e, mais, representar um sinal de verdadeiro progresso intelectual, o próprio positivismo, que Feyerabend e seu discípulo brasileiro tanto querem, e com justiça, combater.

Parece se adequar a este caso o que uma antiga sabedoria ensina: os extremos se tocam. O tipo de postura intelectual que os dois autores defendem, tanto quanto a postura intelectual que se lhe opõe, padecem ambas do mal da incompreensão: reproduzem, ainda que com sinal invertido, o mesmo dualismo e a mesma fúria explicativa que, não importa muito o lado, se costuma cometer.

Aliás, “a ciência tem hipervalorizado a explicação”, reclama o pesquisador gaúcho (MACHADO, 2010, p. 48). Ele pleiteia a recuperação do “espaço da compreensão”, vendo na compreensão “o grande desafio atual”. Apoia-se em Morin, que nos apresenta um quadrinho explicativo com as diferenças entre a compreensão e a explicação. Juremir Machado (2010, p. 48) conta que Baudrillard ironizava a propensão do teórico da complexidade por quadrinhos explicativos.

A coluna da esquerda do esquema de Morin aponta aquelas que seriam as características da aproximação de tipo compreensivo ao real: concreto, analógico, apropriações globais, predominância da conjunção, projeções/identificação, implicação do sujeito, pleno emprego da subjetividade. Essas supostas marcas

do pensamento compreensivo são confrontadas com os procedimentos da explicação, do outro lado: abstrato, lógico, apropriações analíticas, predominância da disjunção, demonstrações, objetividade, dessubjetivação.

Temos aqui mais um exemplo, bastante claro, de um pensamento construído sobre bases dualistas, que reforçam, mesmo sem a intenção de fazê-lo, o domínio da explicação. Idealmente falando, a explicação, diferentemente da compreensão, trabalha com a ideia de clareza, lógica, certeza. Uma clareza que o quadrinho explicativo promete, mas não entrega. Por isso, mais atrapalha que ajuda.

Ver “pleno emprego da subjetividade” na coluna da compreensão e “dessubjetivação” na da explicação, de fato, não colabora para a compreensão da explicação, nem da própria compreensão. Sobretudo porque mente sobre a realidade. Representa um sério problema, porque uma explicação que não explica e, pior, que complica, distorce e mutila o real, só pode receber o nome de ilusão, fantasia, erro.

Em nome de que normatividade, ou de que pretensa anarquia, teríamos o direito de imaginar uma explicação sem sujeito, ou uma compreensão sem objetividade? Só um Frankenstein epistemológico pode nos levar a tamanho desconcerto, ainda que produzido sob acalento dos mais elevados propósitos sobre o uso livre e aberto do método e, até, sob o guarda-chuva da teoria da complexidade.

“Vocês não entenderam nada”, dirão os críticos e defensores do quadrinho explicativo, esses adeptos iluminados e iluministas do pensamento rigoroso, certo e justo a todo custo. Não devem provavelmente se dar conta de como estão sendo vítimas de um modelo muito tradicional de pensamento, enrugado pelo tempo, contra o qual, justa e/ou injustamente, almejam se debelar. “Trata-se apenas de um auxílio à compreensão do assunto”, dirão.

Pode ser, na intenção. Mas, aí, temos de novo um problema. A compreensão, como método – do original latino *comprehendere* – tanto em seus sentidos cognitivos quanto teóricos, epistemológicos e éticos, tem a ver com uma atitude espiritual que integra, junta, abraça sentidos, teorias, métodos, gente. E então, mesmo admitindo o valor, digamos, prático do quadrinho, nada nos impede dizer que temos nele um exemplo bem gritante de coisas que, fundadas no mais puro dualismo, racionalismo e objetivismo, estão mais dispostas a brigar entre si do que a se entenderem numa conversa decente – tapas, ao invés de abraços!

A compreensão de que temos vindo falando nos últimos vinte e poucos anos, cujo espaço julgamos de verdade, como diz Juremir Machado, que deva ser recuperado, é o tema nosso aqui neste texto, que preferimos chamar de ensaio. Sintomaticamente, no mesmo livro em que reivindica o resgate do lugar da compreensão na produção de ciência, o autor condena o que ele classifica como uma verdadeira maldade: a “caça ao ensaio”, inclusive, na área da comunicação, com base na falsa crença de que “ensaio não é pesquisa”. Paradoxalmente, uma parte expressiva das referências teóricas que legitimam as pesquisas que fazemos, como nos lembra o autor, nos chegam de “ensaios de grandes intelectuais estrangeiros” (MACHADO, 2010, p. 80).

Não é a birra contra o artigo científico que nos motiva, a nós, os autores, a imaginar um resgate possível da dignidade e nobreza do ensaio nos planos cognitivo e da expressão do pensamento. Sem perder de vista que birra possa existir, sem maiores problemas, contra o artigo e também contra o ensaio, por diferentes razões, certas e erradas, mais ou menos certas e mais ou menos erradas... Um bom *mea culpa* costuma não fazer mal a ninguém, também na academia.

Compreensivamente, aqui como no caso da discussão sobre a compreensão e a explicação, não se aconselha colocar a questão artigo/ensaio em termos dicotômicos, nem muito menos deixar o amor por um gênero ou por outro chegar, às vezes no calor e no ímpeto guerreiro das Cruzadas, a nos fazer endeusar um gênero e demonizar outro. Ora, a crença não é boa conselheira nesse campo de tomada de decisões. Nem o ódio.

Preferimos imaginar que o preconceito contra o ensaio possa ter mais a ver com uma concepção reduzida de ciência, e de método – fundada, talvez, na ideia ontológica de certeza e de verdade, pura crença –, mais do que numa formação discursiva apta a conversar sobre o lugar e as honras devidas tanto ao artigo científico quanto ao ensaio. Nas esquinas do mundo, lá onde as práticas científicas se tornam ações de um *Lebenswelt* complexo, é lícito supor que há mais diálogos sendo feitos, por aí, entre artigo e ensaio do que supõe nossa vã epistemologia!

De que compreensão estamos falando, nos perguntamos na sequência, para trazermos, em algum lugar depois neste ensaio, algo a que gostaríamos de chamar – nos perdoem pela ironia às vezes incontida que aparece já no título deste trabalho, seguindo de algum modo a máxima de que *ridendo castigat mores* – de “A farra da explicação”. Trazemos um exemplo de como,

a nosso juízo, a comunicação sai perdendo ao não assumir com vigor um pensamento compreensivo.

Já vamos depois encerrando, não o assunto, mas este ensaio, porque o espaço para a conversa é aquele que é. Evocando muito brevemente Nicolau de Cusa e a sua douda ignorância, costumamos, sem fechar, algumas das intuições deste ensaio ao redor dos princípios da incerteza e da complementaridade dos opostos. Com efeito, esses princípios podem dialogar, com a promessa de bons resultados, com a ideia de compreensão.

Quem chegou até aqui com a leitura irá perceber que este ensaio não pretende em momento algum negar a força semântica do verbo “ensaiar”, mas afirmá-la em sua plenitude. O caráter conversacional do ensaio, tão bem colocado por Michel de Montaigne nos textos dele que receberam no século XVI este nome (MONTAIGNE, 2010), desaconselha fechar uma conversa com a ideia de “conclusões”, ou de pontos finais, como costumamos dizer em nossos textos. Ousamos preferir, na construção do nosso discurso, o uso de vírgulas, reticências, ponto-e-vírgulas, muitas interrogações e até interjeições. Por que não?

* * *

De que compreensão se está falando? O ponto de vista de Juremir Machado é claro, transparente: ele se posiciona de dentro da mesma ciência que em alguns de seus aspectos critica. “A ciência tem hipervalorado a explicação. Precisa recuperar o espaço da compreensão”, ele expressa, em texto que já citamos (MACHADO, 2010, p. 48). Recorre a Morin, quando este trata do método da complexidade na obra que Juremir Machado cita, distinguindo entre compreensão e explicação.

Não temos condições de tentar recuperar neste ensaio uma rica tradição de pensamento, que nos vem do século XIX, principalmente da Alemanha, e que, a partir principalmente de Wilhelm Dilthey (1833-1911), passa a defender a legitimidade, no campo científico, tanto do *Erklären* (explicar, em alemão) quanto do *Verstehen* (compreender). Originalmente, essa tradição reivindica o método da compreensão para as *Geisteswissenschaften* (Ciências do Espírito). No mundo das ciências naturais, explica-se, afirma Dilthey. No mundo das ciências do espírito, compreende-se.

No campo da Sociologia, teremos de ir buscar principalmente em Max Weber, um dos pais-fundadores dessa ciência, uma proposta de negociação

entre compreensão e explicação. O ponto de vista compreensivo é, para Weber, elemento integrante da Sociologia que ele produz. Sem renunciar à explicação, entenda-se.

Essa tradição de pensamento se encontra na base de grande parte dos discursos antigos e atuais sobre as diferenças entre a compreensão e a explicação. Ela jamais morreu no universo das Ciências Humanas e Sociais. Foi encontrando distintas soluções pelo caminho, e retorna em diferentes momentos na obra de autores contemporâneos, como Bourdieu, Maffesolli e o próprio Morin, seja na forma de busca de uma solução atual para o problema (como em Bourdieu), ou da proposta explícita de uma sociologia compreensiva como ferramenta contra o racionalismo (como em Maffesolli e Morin).

Esse esforço – talvez, numa justificativa para a própria ideia de campo (Bourdieu) como um espaço de conflitos e disputas – revela posições também distintas em relação à própria ideia de compreensão frente à explicação. Deixa sobrar às vezes pouco e às vezes muito, dependendo dos interlocutores, para a compreensão da própria explicação, ou vice-versa.

Buscar a compreensão no campo sempre em ação (LATOUR, 2011) da ciência moderna, como sugere Juremir Machado (2010, p. 48), também não pode fazer mal a ninguém; pelo contrário, e tanto sob o ponto de vista do método quanto de uma epistemologia da própria ciência.

A experiência e os estudos mostram que, para além dos jogos da ideologia e do poder que sempre marcaram fortemente o mundo da ciência e da pesquisa científica – e que sofre neste momento da conjuntura política nacional sob o risco de uma verdadeira avalanche de autoritarismo, (quase) de escárnio –, existe um vasto universo de conversas e negociações possíveis entre distintos interesses e posições acadêmicas; entre teorias que podem buscar pontos de confluência mesmo lá onde parecem absolutamente distintas e contraditórias entre si.

Nos espaços em que isso se dá presta-se um belo tributo a princípios compreensivos como os da incerteza e da complementaridade dos opostos, sobre os quais diremos algo, mais para o final deste texto. Confluências entre o antigo e o novo, em visitas de cortesia e respeito a velhos autores e autoras que nos deixaram seu legado de conhecimento, nas condições em que viveram, e que continuam falando a nós, hoje, os habitantes deste mundo que não começou ontem com a chegada da última revolução, a tecnológica.

Conversas, debate, diálogos possíveis entre disciplinas (a palavra é feia!), áreas e campos científicos, que não precisam renunciar à própria autonomia

ou identidade para dialogar, propor, cobrar e aprender dos demais, inter-, trans-, multi- e indisciplinarmente.

Espaços de convivência compreensiva entre pesquisas, livros e autores, que, se comesçassem pelo boteco da esquina as suas importantes discussões teóricas e epistemológicas, livres até onde possível das sombras que nos acossam a todos e sob o efeito transcendental de uma boa cachaça, um vinho, uma cerveja e um torresmo frito, teríamos – sempre talvez – alguma chance de exorcizar o mau-humor e as divergências que costumam rondar nossos debates acadêmicos. Conversas que frequentemente se deixam mostrar sob o falso manto – verdadeiro estratagema – do “debate saudável”, que mais tem a ver na realidade com briga e desentendimento, baixo o viés de uma inegável arrogância...

Vade retro, que sofremos demais com tudo isso! E se torna desgraçadamente difícil não ouvir, com o coração apertado, o que nos diz Morin, quando ele, ao tratar da compreensão, afirma que “o mundo dos intelectuais, escritores ou universitários, que deveria ser mais compreensivo, é o mais gangrenado sob o efeito da hipertrofia do ego, nutrido pela necessidade de consagração e glória” (MORIN, 2001, p. 97). *Ave!*

Cumprir observar neste ponto que Morin não está propriamente falando da compreensão na tradição que nos vem de Dilthey, sobre o método do *Erklären* ou do *Verstehen*, e, sim, da compreensão como um d’Os *sete saberes necessários à educação do futuro* (MORIN, 2011), que ele considera uma verdadeira missão espiritual da humanidade. Inclui o que Morin chama de compreensão intelectual – e que ele associa fortemente à explicação, ainda que sob o guarda-chuva da complexidade –, mas vai além, no sentido de compreender também a compreensão humana nos campos das intersubjetividades, da tolerância, da democracia e da paz, das distintas e plurais formas de conhecimento, de uma ética universal. Compreender, inclusive, a incompreensão!

A compreensão dessa compreensão, nesse sentido mais amplo – que aspira ao diálogo compreensivo nos terrenos das teorias, da(s) epistemologia(s) da(s) ciência(s), da produção e das práticas científicas, mas que não se limita a sonhar apenas com isso –, forma a base teórica e metodológica, sempre em movimento, do estudo e da pesquisa que ocupam há mais de uma década os integrantes do grupo de pesquisa “Da Compreensão como Método”, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

O lado não-científico, ou além do científico dessa compreensão da compreensão – sem por qualquer razão séria excluir dela a própria ciência –, aparece, por exemplo, quando Hannah Arendt fala da compreensão como algo bem diferente da informação correta e do conhecimento científico, dizendo se tratar de “um processo complexo que nunca gera resultados inequívocos”; uma “atividade interminável”, por meio da qual “tentamos sentir o mundo como nossa casa” (ARENDT, 2008, p. 330); um processo “infindável”, que não gera “resultados definitivos”, mas que nos identifica como “uma maneira especificamente humana de viver”; que “começa com o nascimento e termina com a morte”; que nos incita a “compreender o totalitarismo”, o que não significa “desculpar nada”, “mas nos conciliar com um mundo onde tais coisas são possíveis” (ARENDT, 2008, p. 331).

Hannah Arendt, como se sabe, não fala em primeiro lugar a partir do campo da ciência, e, sim, da política (“Compreensão e política” é o título de seu ensaio), em “tempos sombrios” (ARENDT, 2008a), sob o império da “banalidade do mal” (ARENDT, 1999).

Boaventura de Sousa Santos, por seu lado, sem nomear a compreensão nesse sentido mais abrangente, está no entanto se referindo a ela quando, numa crítica ao positivismo – lá onde o positivismo assume arrogantemente que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento legítima –, propõe uma ruptura com esse entendimento de ciência e com a epistemologia que lhe dá suporte. E chama para a superação da “consciência ingênua dos cientistas e das instituições de ciência”, de modo a se promover um diálogo possível “dessa prática com as demais práticas do conhecimento de que se tecem a sociedade e o mundo” (SANTOS, 1989, p. 16).

Trata-se, como não parece difícil imaginar, de uma decisão epistemológica, política e ética, que se funda na percepção da distinção que existe entre ciência e conhecimento. A ciência é uma forma de conhecimento entre outras, melhor e mais bem aparelhada historicamente que outros conhecimentos para tratar do estudo de objetos *científicos*, não boa sempre, e jamais boa para todos os nossos males e angústias.

A compreensão, o diálogo com essas “demais práticas de conhecimento”, no sentido de sua inclusão e do respeito frente a outras formas de conhecimento, é que projetam os estudos de Boaventura de Sousa Santos, para além do campo científico e em contínuo e necessário diálogo com ele, na direção de temas tão atuais e importantes como o de uma “ecologia dos

saberes”, das “epistemologias do Sul”, do “fascismo epistemológico”, da crítica ao capitalismo e às novas formas de colonialismo.

Há uma preocupação com as consequências sociais e políticas de todo conhecimento, o científico inclusive, no contexto do que o autor chama de epistemologia pragmática. Essa atitude, no caso de Santos, o leva a assumir criticamente a ética do global de que fala Morin, para além da farsa do deus Mercado, em ações incansáveis de apoio a movimentos sociais e de direitos humanos nos cinco continentes, em uma participação assídua em cada nova edição do Fórum Social Mundial – e, como escrevíamos em 2019, o ano em que este texto foi produzido, na crítica ao governo Bolsonaro e na defesa intransigente da liberdade para Luís Inácio Lula da Silva, que Moro tenta, mas ainda não conseguiu destruir.

Essa mesma fertilidade de pensamento, às vezes melhor entendida como fúria ou indignação epistemológica, leva o autor a pensar o labor do sociólogo como se este se desse na oficina do artesão (SANTOS; MENESES, 2018), provavelmente numa referência a Wright Mills (apud KAUFMANN, 2013, p. 49), quando Mills diz que o modelo ideal de percurso metodológico é o do “artesão intelectual”, que constrói, ele próprio, sua teoria e seu método.

Aliás, a ideia de uma artesanania cognitiva combina, de forma que consideramos primorosa, com o modo de investigação dos fenômenos a que damos o nome de compreensivo, o que, mais uma vez, nos recorda o sentido original latino de *comprehendere*, que é “abranger, abraçar ou pegar junto” (KÜNSCH, 2005, p. 46).

Também é digno de nota o fato de Jean-Claude Kaufmann estar tratando em seu livro do que ele chama de “entrevista compreensiva”, em que, assumindo um dos princípios caros ao método da compreensão – o da incerteza –, advoga que o pesquisador deve ir a campo de tal modo que esse mesmo campo “deixe de ser abordado majoritariamente como uma instância de verificação da teoria para se tornar o lócus de seu nascedouro, o ponto de partida da problematização teórica sugerida pelos fatos” (KAUFMANN, 2013, p. 19). Melhor definição para a ideia de não pôr o carro na frente dos bois não poderia haver!

É nesse vaivém de avanços e retrocessos epistemológicos, e de buscas não menos complicadas e difíceis nos campos do social e do político, que temos nos ocupado nessas duas últimas décadas e pouco – essas buscas iniciaram antes da montagem do grupo de pesquisa, o que foi feito em 2008 – com o tema da compreensão.

O tema da compreensão é “compreendido” tanto no sentido *strictu sensu*, isto é, nos ambientes da produção científica, quanto *lato sensu*, no abraço, que gostaríamos que fosse o mais amplo e generoso possível, a distintas formas de conhecimento/saber/sabedorias, como os conhecimentos míticos, religiosos e das artes; os conhecimentos que nos vêm, para dar um exemplo, do fundo das selvas africanas, asiáticas, latino-americanas, como também das zonas proibidas, no Norte, pelas epistemologias do Norte; os saberes do cotidiano, da rua, da padaria da esquina, da experiência que tanto conta; os saberes desprezados por uma Razão e uma Técnica não-dialógicas, quando ficam o tempo todo tentando apagar com um pano de chão, rasgado e malcheiroso, as marcas nunca invisíveis de sangue e de dor que deixam pelo caminho; os saberes emergentes das minorias/maiorias que gritam...

* * *

Fomos longe, é hora de voltar. E o fazemos na direção de uma atitude cognitiva que propõe um espaço para o pensamento compreensivo no campo nosso de cada dia da ciência e, mais propriamente, da área da Comunicação. Para não sermos injustos na tarefa, vamos a uns comentários iniciais, que emergem da necessidade de deixar sempre muito claro que a defesa intelectual de uma posição epistemológica e política como a da compreensão não nos isenta do risco e do frequente erro da incompreensão. Humanos, demasiadamente humanos! (Nietzsche).

Luís Mauro Sá Martino é um colega, mais, um amigo. Suas produções científicas configuradas em livros sobre teorias da comunicação e sobre método despertam inveja em muitos que adotamos os seus livros em nossas aulas. Martino esteve conosco, nos primeiros anos, no grupo de pesquisa que se chama hoje “Da Compreensão como Método”, de que foi um dos principais teóricos.

Publicamos livro juntos. Mesmo quando as contingências de nossos Programas de pós-graduação o levaram a fundar o seu próprio grupo de pesquisa, assumindo também com o tempo um lugar de relevância no GT Epistemologia da Comunicação da Compós, sua presença lúcida e proximidade ao grupo de pesquisa “Da Compreensão como Método” têm continuado a se manifestar na produção de textos dos mais importantes sobre a compreensão, em participação em bancas e outros. Luís Mauro Sá Martino é grande, em muitos e diferentes sentidos e direções!

Permitam-nos dizer que, no conhecido e reconhecido livro *Teoria da comunicação* (MARTINO, 2009), que é utilizado por Deus sabe quantas faculdades de Comunicação Brasil afora, inclusive por nós, há cinco páginas iniciais da Introdução que nos parecem que poderiam ser bem mais elucidativas dos problemas, desafios e promessas do campo da Comunicação, se adotassem o que aqui estamos chamando de método da compreensão.

Os enunciados do autor o situam num campo epistemológico – sempre de novo, como nos parece – que se mostra refém de uma visão de ciência, de teoria e de epistemologia que deve um forte tributo ao Positivismo, bem como à inegável e nem sempre positiva influência das ciências naturais e exatas sobre a área da Comunicação – mais um assunto que não podemos aqui discutir.

Logo no início da primeira das cinco páginas que tomamos como matéria desta muito ligeira análise – mais honesto talvez fosse dizer apreciação –, o autor comenta que, dada “a variedade de áreas de origem dos autores” que comparecem ao livro, “é difícil estabelecer com absoluto rigor quem pertence ou não aos estudos de mídia” (MARTINO, 2009, p. 9).

Não basta, como se vê, o “rigor”, ele tem de ser “absoluto”. Absoluto? E isso deixa facilmente entender por que, nas linhas seguintes, a pergunta é “o que é Teoria da Comunicação” (MARTINO, 2009, p. 9). A ideia do “ser” nos remete, muitas vezes sem que o percebamos, ao campo da Ontologia: Comunicação *é*... Eu *sou*. Você *é*. O Brasil *é*... A Ontologia nos conforta: alguma coisa *é*... Pronto! Fechou!

Quão diferente seria a sensação se ousássemos, por exemplo, alterar o verbo ser para o verbo acontecer... Um signo que acontece. Acontecência (Guimarães Rosa). No entanto, a explicação prefere o pensamento ontológico...

Tudo bem, tudo muito bonito, você irá dizer, porque afinal a Comunicação, como insiste um outro Martino, o Luiz Cláudio sem Sá, da Universidade de Brasília, precisa de fato dizer a que veio. Também se pode argumentar que a busca de rigor é própria do fazer científico em todas as suas modalidades – e nesse sentido há justamente em todo o texto uma cobrança explícita e reiterada de que o rigor paute as discussões sobre teorias da comunicação, o tempo todo. Absoluto rigor.

Um rigor que não se mostra possível nas linhas seguintes, nas quais a resposta de Martino à pergunta “O que é comunicação”, se for honesta, como ele revela, tem que ser que “ninguém sabe”. Uma resposta que não irá ser dada desse modo, ainda segundo o autor, porque “poderia desencorajar a leitura das várias páginas que estão pela frente” (MARTINO, 2009, p. 9).

Martino é ótimo no modo leve, livre e solto de conversar com os meninos e meninas da graduação em Comunicação Social. Chega a ser encantador.

Há um campo semântico que torna ainda mais patente essa ideia de rigor: “fronteiras” e “definições” é o que se busca na área da Comunicação – e o termo “definição”, e seu correspondente “indefinição”, é o que mais aparece, dez vezes no total, acompanhado de perto por outros termos que situam a produção do texto no interior de um modelo teórico e epistemológico difícil de ser negado. É o caso do termo “conceito” (nove vezes).

As ideias de fronteiras e de outros termos recorrentes – como limites, campo, cânone, busca de consenso, certeza, determinação, evidência, disciplina, análise etc. – ajudam a compor o quadro do que antes chamávamos de campo semântico, que, como queremos argumentar, projetam a discussão para o universo às vezes perigoso dos universais e das essências – que não devem por outro lado ser condenados –, com o risco de confusão entre a *ordo idearum* e a *ordo rerum*, a ordem das ideias e a ordem das coisas.

A indefinição, a falta de conceitos precisos, de limites e fronteiras ressaltam do texto não como uma possibilidade, mas como... uma deficiência. Quase um pecado sendo praticado por nós que militamos na área. Um pecado “contra o Espírito Santo”, aquele sem perdão!

O que antes denominávamos “farra da explicação” aparece com especial força na parte da Introdução em que o autor interpreta o esquema de Gilbert, em *Researching social life*. Criam-se conceitos a partir da realidade que, em seguida, são usados para explicar a realidade de onde foram extraídos: é esta a ideia. “É o momento em que a teoria se mostra útil para explicar alguma coisa, definir o modo de fazer ou mesmo, em alguns casos, apontar tendências futuras” (MARTINO, 2009, p. 13). Explicação. Definição...

Por alguns pequenos instantes, que julgamos a partir de nosso ponto de vista luminosos, o que talvez um tanto injustamente estamos chamando de furor explicativo dá lugar a uma visão compreensiva. Como quando, ao falar de Teoria da Comunicação, usa os termos “ideia”, “perspectiva”, “possibilidade”, e aponta para a “possibilidade de um objeto único e múltiplo ao mesmo tempo” (MARTINO, 2009, p. 10).

Em outro contexto, Martino (2009, p. 11) ensina que teorias tornam possível “interpretar o mundo real” – e a interpretação parece fugir um tanto da ideia de rigor incondicional, de explicação e definição... “Assim como uma lente, uma teoria ajuda a ver aspectos da realidade nas entrelinhas do cotidiano” (MARTINO, 2009, p. 11). Reflexiva, sendo criada a partir de es-

tudos e pesquisas sobre fatos reais, uma teoria “auxilia na compreensão de acontecimentos semelhantes”.

O campo semântico que se deixa observar por meio do uso dos termos que trouxemos nos dois parágrafos anteriores é outro. Nesse ponto da conversa, toda a crítica contra a “farra da explicação” cai por terra. Puro exagero de nossa parte! A hermenêutica pode não dispensar a explicação, mas projeta o debate muito mais para o campo de uma compreensão (possível). Teoria é lente. Ajuda a ver recortes da realidade. Auxilia na compreensão.

Para quem ainda costuma ler as introduções dos livros que utiliza, pode causar no mínimo estranheza se defrontar com tamanha concessão ao signo da explicação numa obra como essa, que possui o mérito, junto com outras obras do mesmo autor, de exercitar-se no esforço de mostrar, mais que de demonstrar, um conjunto compreensivo de “ideias, conceitos e métodos”, como se lê no subtítulo da mesma obra.

Não é que o método compreensivo tenha ou produza uma resposta para a questão que é objeto de nossa crítica nesta parte do ensaio. Talvez projete uma luz. Ou se torne uma lente, como próprio de toda teoria.

Nem sempre uma resposta pode ser a parte mais interessante de uma conversa. Às vezes é o contrário o que ocorre: a resposta limita, ameaça, mata o campo diverso e divertido da busca de compreensão. Mais vale às vezes perguntar em que ponto, por exemplo, uma mirada compreensiva da comunicação e de suas teorias; de seus milhares de cursos, professores, autores, pesquisadores; de um número crescente de produções etc. pode nos ajudar a compreender melhor a comunicação em seus múltiplos significados teóricos, epistemológicos, sociais e políticos.

E, aí, pode ser que passe a ser visto como força aquilo que uma determinada tradição de pensamento costuma ver como fraqueza da Comunicação: suas incertezas, suas indefinições, sua não-delimitação de seu campo de abrangência e de suas teorias... Vai ver que chegará o dia em que seremos homenageados pela força que tínhamos no tempo em que os que se julgavam fortes nos chamavam de fracos! Pode ser.

Para todos os efeitos, guardamos com carinho uma cópia bem surrada do livro, muito rabiscado, com uma dedicatória que homenageia o pensamento compreensivo e os “Abraços do Luís Mauro”. Foi em Curitiba, no mês de setembro de 2009, o ano do lançamento da obra. Foi lá, naquele ano, o congresso da Intercom...

* * *

Alguns dos princípios, noções, ideias e procedimentos que nos movem, desafiam e comovem nesse percurso teórico e metodológico de compreensão da compreensão estão sendo aqui lembrados, de forma breve e sumária: representam um programa de pesquisa, na realidade. Um programa, não um simples projeto de pesquisa.

Nessa trajetória de mais de duas décadas, temos nos esforçado no sentido de promover compreensivamente – não de forma exclusiva nem excludente – o ensaio como expressão do pensamento científico; de trabalhar positivamente com princípios como os anunciados antes, da incerteza e da complementaridade dos opostos, justamente como opostos e complementares aos próprios princípios da certeza e da identidade; temos vindo discutindo, também, a noção de que o erro pode ter um valor cognitivo e que a verdade se deixa melhor entender no sentido de uma busca compreensiva, onde o caminho conta, sim, às vezes mais que a chegada..., etc.¹

Esses princípios, como acreditamos e temos tentado mostrar, são bons auxiliares na promoção de ideias como as de uma democracia cognitiva (Morin); oferecem uma visão nova e plural do conflito, da doença e da dor; cooperam na descoberta de que, mais que uma verdade com V maiúsculo, o que buscamos pode não passar antes de tudo de pequenas verdades, que nos situam no plano pantanoso de uma integridade que nasce do diálogo difícil com os nossos erros e as nossas múltiplas sombras...

Os princípios do erro, da incerteza e da complementaridade dos opostos mereceriam neste trecho um tratamento de destaque, o que não será feito desta vez. Bons argumentos, que nos vêm dos conhecimentos filosófico, mítico e religioso, bem como da arte e da própria ciência física moderna, parecem apoiar com força a noção de que, além de o sertão ser o mundo, o mundo, para todos os efeitos, “é misturado” e o viver, difícil, como expressa Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*.

Um tributo, ainda que também muito breve e passageiro, merece ser prestado nesta parte ao teólogo e bispo católico Nicolau de Cusa, que em pleno

¹ Textos, livros e especiais de revistas sobre o tema da compreensão podem ser consultados no site do grupo de pesquisa: www.dacompreensao.com.br. A obra *Compreender: indagações sobre o método* (KÜNSCH, 2020) traz um conjunto de textos importantes sobre o espírito que move o método da compreensão, apresentados originalmente em dois distintos GTs da Compós, o da Epistemologia da Comunicação e o da Comunicação e Cultura.

século XV – num confronto, que até hoje não se sabe bem como foi possível, com a Escola e com a figura ímpar de Santo Tomás de Aquino, o da enciclopédica *Summa teológica* – ousa defender um lugar de honra para a ignorância sábia (em *Da docta ignorantia*). Essa ignorância “do bem” se expressa em grande parte na figura do personagem Idiota de seus ensaios, um simples fabricante de colheres de pau, em cujo campo de visão se vislumbram os princípios da *coincidentia oppositorum* (complementaridade dos opostos) e da incerteza.

Haveria que investigar como a ideia de que “de Deus nada sabemos”, do teólogo e filósofo católico, ancorada nos princípios antes listados e na força de sua expressão epistemológica, impactou na chegada de algumas das mais importantes revoluções do início da Modernidade, como a Reforma Protestante, o Renascimento e... a própria Ciência Moderna. Se isso que estamos dizendo for verdade, a ciência empírica teria nascido, então, sob os signos da incerteza e dos opostos complementares no próprio momento em que, sobretudo a partir de Descartes, busca a certeza e a verdade, entendidas como idênticas a si mesmas, evidentes, inquestionáveis...

Ainda bem que o ensaio, como atesta Adorno (1986) não começa em Adão e Eva em sua relação com o assunto sobre o qual se escreve. Começa, sim, onde acha o seu autor que deve e termina não porque nada mais tenha a ser dito.... Mas uma coisa resta ainda a ser dita: todo esse programa de pesquisa, com uma ou outra pequena descoberta provisória, é colocado sobre a mesa. Mbora conversar!

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel e FERNANDES, Florestan (Orgs.) **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986, p. 167-187.
- ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARENDT, Hannah. Compreensão e política (As dificuldades da compreensão). In: ARENDT, Hannah. **Compreender**: formação, exílio e totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 330-346.
- ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a.
- KAUFMANN, Jean-Claude. **Entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- KUNSCH, Dimas A. e CARRARO, Renata. A comunicação sob o signo da compreensão: o protesto do ensaio contra a chatice e a arrogância do discurso científico dominante. Trabalho apresentado ao GT Teorias da Comunicação durante o XXXIV Congresso da Intercom (Recife, PE, 2 a 6 de setembro de 2011).

KÜNSCH, Dimas A. **Compreender**: indagações sobre o método. São Bernardo do Campo, SP: Editora Metodista, 2020.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**. 2. ed. Bauru, SP: Editora da Unesp, 2011.

MACHADO, Juremir. **O que pesquisar quer dizer**: como pesquisar e es: Vozes, 2009.

MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília/DF: Unesco, 2011.

PIRES, Paulo Roberto (Org.). **Doze ensaios sobre o ensaio**: antologia *serrote*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.